



LOTA DE MACEDO SOARES E ELIZABETH BISHOP: PROJETOS INTERROMPIDOS

Lúcia Arrais Morales¹

Maria Carlota Costellat de Macedo Soares faleceu aos 57 anos em 25 de setembro de 1967 na cidade de Nova York. Em vida, foi conhecida como Lota de Macedo Soares, ou Dona Lota, ou, para os mais próximos, Lota.

No Brasil, Carlos Lacerda, ex-governador do Estado da Guanabara (1960-1965), na administração de quem Lota de Macedo Soares trabalhou, escreve uma nota sobre sua morte. Nela, afirma que a autoria do projeto do Parque do Flamengo pertence a ela e prossegue dizendo: morreu sem o parque, que lhe foi tomado pela politicagem e a chicana. Mas o que fica do parque, se ele existe, se ele sobrevive, tudo isso se deve àquela miúda e franzina criatura, toda nervos, toda luz, que se chamou Dona Lota².

Enquanto governador, Lacerda interveio na carta que Roberto Burle Marx publicou no jornal O Globo em sua edição de 20 de outubro de 1965. O paisagista traduzia Lota de Macedo Soares como uma mulher déspota, pretensiosa, usurpadora de suas idéias e acrescentando dizia: talvez seja oportuno lembrar a você que ter o bom gosto de escolher uma colher ou uma panela finlandesa não implica em ter capacidade criadora³. Lacerda vem a público, dirige-se a Burle Marx e chama atenção para o fato de que o gabarito profissional não desobriga ninguém de ter caráter⁴.

A manifestação de Burle Marx não é produto de uma idiossincrasia individual. O pensamento não é um ato privado acontecendo no interior de um indivíduo, tampouco é o produto exclusivo da neurologia e da fisiologia do sistema nervoso humano. Ele é construído historicamente, mantido em sistemas sociais e aplicados a cada indivíduo. Portanto, o pensamento humano é uma atividade social não apenas em suas origens, funções e formas, mas também em suas aplicações. Além disso, comparado a outros atos sociais, suas conseqüências são as de mais longa duração. Assim, quando, de um só golpe, Burle Marx junta conhecimento perceptual diferenciador com utensílios de cozinha, ele aplica a um indivíduo, Lota de Macedo Soares, injunções que supostamente se impunham sobre ela: pertencer ao gênero feminino implica portar um limitado potencial criativo e ter no espaço doméstico a única chance de validação social. Ao se manifestar nos termos em que fez e assumindo-se como superior, Burle Marx não estava sozinho. Idéias não

¹ Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional. Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista/Campus Marília.

² - OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p.206.

³ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.153.

⁴ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.157.



andam por si mesmas pelas ruas. Elas são conduzidas por indivíduos que pertencem a grupos sociais organizados e específicos. Nelas estão presentes os elementos que produzem as conexões para que cada um perceba a si mesmo e aos outros. Burle Marx, portanto, era a voz de um coletivo. Além disso, seu pronunciamento era feito em um momento específico: o final da administração Lacerda.

Lota de Macedo Soares e o governador Carlos Lacerda, além de vizinhos em Petrópolis, eram amigos de longa data. Ao vencer as eleições, ele a convidou para ser colaboradora. Lota de Macedo Soares escolhe uma extensa área: um aterro no bairro do Flamengo, oriundo do desmonte do Morro de Santo Antônio cujas terras foram ali lançadas, e propõe a criação de um parque. Desde 1958, havia um projeto semelhante engavetado, Lacerda lhe dá carta branca para levá-lo à frente. Ela estuda em profundidade o projeto e convida Affonso Reidy, um dos mais reconhecidos arquitetos modernistas brasileiros, para juntos elaborarem uma nova proposta. Em pouco tempo, entrega o novo projeto a Lacerda que o aprova.

Lota de Macedo Soares, cuja falta de diploma seria compensada pelo trabalho gratuito ⁵, constitui pessoas gabaritadas para, sob sua coordenação, formar uma equipe, definida como Grupo de Trabalho (GT). Ergue-se um barracão no aterro e é nele que Lota de Macedo Soares e esses profissionais trabalham. Ethel Bauzer Medeiros, especialista em recreação, relutou em aceitar o convite para integrar o GT, mas, segundo Oliveira: convenceu-se quando conheceu o Barracão, uma construção precária onde Lota estava despachando, no Aterro. Lota conseguia fazer com que todos ficassem de manhã à noite naquele Barracão desconfortável, no meio de um aterro deserto, como se estivessem no melhor ambiente de trabalho do mundo ⁶.

Ao longo daqueles quatro anos Lota de Macedo Soares enfrentara diversas dificuldades, mas o crédito de confiança junto ao governador lhe garantia um importante apoio. Desse modo, a saída de Lacerda do palácio da Guanabara a afetou bastante. Todavia, as palavras do paisagista não estavam restritas aquele momento e aquele lugar. Através delas, emergia o tom da vida coletiva brasileira que se ergue quando entre homens e mulheres está a pressão das circunstâncias do conflito e da disputa.

Em 04 de junho de 1994, falece Roberto Burle Marx no Rio de Janeiro. Em 02 de Julho de 1994, o Jornal O Globo faz uma matéria sobre Lota de Macedo Soares e colhe depoimentos de frequentadores do Parque do Flamengo. Em um momento da reportagem o jornalista escreve: Arnaldo de Oliveira, comerciante aposentado. Há trinta anos morando no Flamengo, fazia caminhadas diárias no Aterro, com outros aposentados. Nunca imaginou que aquilo tivesse sido feito por uma mulher. Sempre achou que era

⁵ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p. 94.

⁶ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.100.



obra de Burle Marx ⁷. Isso significa dizer que a partir das referências de mundo que possui lhe era impossível construir um entendimento que o levasse a presumir não ser de um indivíduo do gênero masculino a autoria de uma obra de tamanha envergadura.

Em 2010, já se passaram 16 anos da publicação dessa reportagem. Contudo, os créditos da autoria do projeto do Parque do Flamengo ainda são conferidos a Burle Marx e, portanto, assim como o senhor Arnaldo, continua-se a imaginar suavemente que esse espaço urbano não foi pensado por uma mulher. Além disso, muito menos ainda se imagina que, assim como Lota de Macedo Soares, Roberto Burle Marx também não possuía educação formal em arquitetura. Ou seja, nem um nem outro tinham um diploma. Além do que, desde 1932, Carlos Lacerda tinha interrompido seu curso de Direito.

Junto a isso, outras informações sobre Lota de Macedo Soares são importantes. Entre elas, o fato de que destacadas figuras do mundo literário, acadêmico e artístico como, por exemplo, o escritor americano John dos Passos, o poeta americano Robert Lowell, o escritor inglês Aldous Huxley, o escritor francês Raymond Aron, o escritor russo naturalizado americano Nicolas Nabokov e o escultor e artista plástico americano Alexander Calder foram seus hóspedes na casa serrana em Petrópolis.

O projeto dessa casa foi por ela pensado e, durante sua elaboração, manteve contínuas discussões com Sérgio Bernardes, um dos notáveis da arquitetura modernista brasileira. É oportuna a nota de que, em 1954, na II Bienal Internacional de Arquitetura para arquitetos com menos de 40 anos, concurso presidido por Walter Gropius, a casa de Lota de Macedo Soares recebeu um prêmio como exemplo da aplicação inovadora de princípios modernistas à arquitetura.

Fora do Rio de Janeiro, Lota de Macedo Soares também tinha trânsito no mundo intelectual. Oliveira, ao fazer considerações sobre o livro *O Grupo* da escritora americana Mary MacCarthy, amiga de Hanna Arendt, assim descreveu a reação dessa última ao conhecer Lota de Macedo Soares: Mary MacCarthy tinha saído com Lota e Bishop duas ou três vezes, quando da passagem das duas por Nova York em 57. Lota foi precedida de recomendações de Hanna Arendt, que ficara encantada com o brilho e o *sense of humor* da brasileira ⁸.

Esse conjunto de indivíduos, apesar de campos discursivos diversos, estava interessado uns nos outros e compartilhava um momento histórico. Sua presença no círculo de relações cultivado por Lota de Macedo Soares demonstra o quanto ela experimentava o clima intelectual e cultural de sua época, marcado pela ênfase na experimentação rigorosamente trabalhada, na preocupação com

⁷ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.209.

⁸ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p118



o belo, na abertura à alteridade e em uma ânsia consciente pela renovação. Contudo, Lota de Macedo Soares não estava apenas habilitada intelectualmente para experimentar, de modo alargado, o seu tempo. Também tinha preparo social para o diálogo e, conseqüentemente, para se colocar em igualdade e exigir tratamento recíproco de seus contemporâneos.

Afora isso, Lota de Macedo Soares era exímia ao volante de seu carro conversível (um jaguar), vestia calças jeans quando as mulheres sequer pensavam em fazê-lo, tinha aulas de pintura com Cândido Portinari e de arquitetura com Carlos Leão. Esse último chegou a afirmar que Lota de Macedo Soares era uma arquiteta nata⁹. Nas aulas de pintura, privou da companhia de Burle Marx e do pintor Enrico Bianco o qual deu o seguinte depoimento a Oliveira:

Bianco conhecia Lota desde o tempo em que ela freqüentava o ateliê de Portinari, onde Bianco trabalhava diariamente. Ficou contente, quando tantos anos depois, Lota o convidou para trabalhar no Aterro. Reviu a moça petulante de cabelo cortado a la homem e olhos faiscantes de paixão naquela mulher grisalha, empolgada, ainda segurando a bandeira do moderno. Lota se postava como um cão de guarda estético do Aterro. Encolerizava-se com a entronização da burocracia, não se submetia ao que se quisesse interferir em seu sonho. Era magnífica de se ver¹⁰.

Esse testemunho de Enrico Bianco sinaliza para a profundidade vigorosa do compromisso dessa mulher com suas idéias, as quais eram idéias do seu tempo. Bianco traduz sua percepção traçando uma linha de continuidade entre dois momentos: quando a conhece na juventude e quando a reencontra na maturidade à frente do projeto do Parque. Usa, então, expressões que a qualificam como alguém ainda segurando a bandeira do moderno e assumindo-se como um cão de guarda estético. Com isso, o pintor sintetiza de modo claro a adesão dessa mulher a uma concepção de vida humana construída nos princípios do modernismo. Afora isso, seu depoimento fornece indicações de que a crença no indivíduo e em sua autonomia eram valores sagrados para ela.

O pensamento de Enrico Bianco adensa e torna mais complexa a seguinte indagação: em que condições sociais Lota de Macedo Soares se constituiu? De outro modo: quem era essa mulher que, sem marido, sem filhos, sem diploma e vivendo com outra mulher, teve, durante seis anos, assento na administração pública de um dos mais importantes estados da região sudeste do país, elaborou um projeto de intervenção espacial urbana para criar uma área de 1.200.000 metros quadrados e presidiu o grupo de trabalho que materializou essas idéias?

Buscar respostas a essa pergunta permite construir um entendimento das razões pelas quais Lota de Macedo Soares não existe na memória nacional. No espaço deste artigo, trabalha-se com a hipótese de que gênero e homossexualidade, enquanto categorias de pensamento e, portanto,

⁹ - NOGUEIRA, Nadia. *Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio de Janeiro dos anos 1950-1960*. 2005. Doutorado. UNICAMP, Campinas, p.31.

¹⁰ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.110.



organizadoras da percepção de mundo e produtoras de princípios de classificação, permitiram operacionalizar esse processo de esquecimento.

Flores Raras e Comuns: liberdade e opressão.

Todas as informações acima estão contidas no livro *Flores Raras e Banalíssimas: a História de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop* de Carmem Lúcia Oliveira, publicado em 1995, um ano após a morte de Burt Marx. Nessa obra, através de cartas, agendas, artigos em jornais e revistas, depoimentos de artista, políticos, escritores, jornalistas, amigos e empregadas domésticas, a autora organiza um relato biográfico sobre Lota de Macedo Soares, contido no período entre 1960 a 1967. Nele, os eventos em torno da elaboração e execução do projeto do Parque do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, são priorizados e a vida de Lota com Elizabeth é a eles articulada. O foco é mostrar as lutas travadas por Lota de Macedo Soares para fazer valer princípios fundados em uma concepção de política, civilização e modernidade. Portanto, não é uma biografia sobre homossexualidade feminina. É muito mais um documento que, ao traçar caminhos nos quais se lançou alguém ao esquecimento, oferece ao leitor um *modus operandi* de assim proceder. Desse modo, ao fazer esse recorte preciso, a autora toca no obscurecimento de uma memória coletiva, oficial, nacional.

Neste artigo, o livro de Carmem Lúcia Oliveira funciona como referência para pensar as condições que, por um lado, possibilitaram Lota de Macedo Soares ocupar uma posição de poder na execução das obras do Parque do Flamengo e, por outro, agiram para seu esquecimento.

É importante reafirmar que, além da ausência de um diploma, ela não era legitimada pelo discurso normativo que confere às mulheres a preeminência dos atributos de mães e esposas em suas vidas e, ao fazê-lo, restringe sua presença no mundo público. Acrescido a isso, e não de menor peso, Lota de Macedo Soares construía sua vida privada numa convivência íntima e diária com outra mulher. Portanto, ela estava na contramão das prescrições do modelo burguês para a existência humana. Daí, a importância do oxímoro no título do livro de Oliveira: ele comunica que liberdade e opressão estavam em coexistência.

Aqui vale a pena ressaltar as datas da reportagem do jornal *O Globo* e da publicação do livro: ambas são posteriores à morte de Roberto Burt Marx. Ao que tudo indica, o fim da existência desse indivíduo deu vida a elementos imprescindíveis para a recuperação de uma história. Isso sugere que o impacto da morte empresta seu ambiente mental e emocional ao movimento inesperado e não desejável da memória coletiva.



*Tecniquins*¹¹

A explicação de que as posições políticas de Lota de Macedo Soares seja a razão para o seu desconhecimento na cidade do Rio de Janeiro é frágil. O parque do Flamengo recebe o nome de Parque Brigadeiro Eduardo Gomes. Confere-se homenagem a um militar que, em 1964, participou da destituição de João Goulart da presidência e, no governo Castelo Branco, foi ministro da aeronáutica. Se as perspectivas políticas de Lota de Macedo Soares eram à direita, o Brigadeiro Eduardo Gomes estava na mesma direção. Portanto, sua visão política não é razão predominante.

Quando, em 1960, Carlos Lacerda assume o governo do Rio de Janeiro dá prosseguimento a um conjunto de obras e projeta outras. Ele é o primeiro governador do Estado da Guanabara após a transferência da capital federal para Brasília. Até então, o posto administrativo mais alto da cidade era o de prefeito e coube a Francisco Negrão de Lima a última gestão. Naquela ocasião, Negrão de Lima iniciou uma série de obras: abertura de avenidas, canais ao longo de rios, saneamento de esgotos, túneis, viadutos e radiais. Nessa gestão, entre 1956 e 1958, cria a Sursan (Superintendência de urbanização e saneamento). Nomeia como presidente o engenheiro João Augusto Penido, tendo como seus auxiliares Ivo Magalhães e Evaldo Cravo Peixoto. Quando Lacerda assume o governo, esses engenheiros prosseguem nesses postos e permanecem, quando Negrão de Lima ganha as eleições, sucede Lacerda e administra a Guanabara no período de 1965 a 1970.

A Sursan ganha força no governo Lacerda. Para operacionalizar seu plano de metas cujos destaques estavam na ampliação do sistema escolar, na modernização da infra-estrutura de abastecimento de água e na ordenação do espaço urbano do Rio de Janeiro, Lacerda inicia uma reforma administrativa. As secretarias de estado passam a ser classificadas entre administração centralizada (Finanças, Economia, Educação, Administração, Saúde, Cultura, Justiça e Obras Públicas) e descentralizada. A Sursan passou a fazer parte dessa última e ser subordinada à Secretaria de Obras, encarregada de executar projetos de grande porte como a Adutora do Rio Guandu, um reservatório de água de 73 metros de profundidade cavado em rocha, os túneis de Santa Bárbara e Rebouças, Lagoa Rodrigues de Freitas e o Parque do Flamengo. Essas três últimas obras eram prioridades para os festejos do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, em 1965, data do término do mandato de Lacerda. Nessa ocasião, o Parque do Flamengo estava inacabado e Lota de Macedo Soares enfrentaria o novo governador.

A Secretaria de Obras Públicas torna Lota de Macedo Soares alvo de ações que, do ponto de vista da civilidade e da responsabilidade de um agente do poder público, atingem o limite do

¹¹ - Ver OLIVEIRA, C.L. Op. Cit. 1995, p.139.



inadmissível. Elas demonstram a que ponto administradores públicos chega para destruir o trabalho e a reputação moral de alguém, visto como oponente:

Toda a equipe sabia que Dona Lota estava sob forte tensão. A visita do governador Negrão de Lima em fevereiro não tinha alterado em nada o quadro lúgubre do Parque. Os secretários mantiveram o boicote geral e houve mesmo alguns atos ostensivos de intimidação. Caminhões do Estado jogaram no Parque os escombros de uma barreira que ruí na Rua Santo Amaro, e o braço de uma pessoa soterrada emergiu, apontando tétrico para um céu pererento. A Limpeza Urbana passou a despejar sistematicamente entulho na área já aterrada ¹².

Descrevendo situações menos extremas, mas com o igual objetivo analítico de sinalizar para os possíveis interesses em jogo, Oliveira apresenta, ao longo do livro, vários acontecimentos. Há, por exemplo, o seguinte relato de uma das disputas entre Lota de Macedo Soares e engenheiros da Sursan: Para sua exasperação, a Sursan insistia em buscar soluções menos avançadas. Se vamos usar métodos do século XIX, não sei por que devemos gastar vinte e cinco mil contos, protestava ela ¹³.

Um outro momento é o texto que Lota de Macedo Soares escreveu para o jornal O Globo, usando do direito de resposta à carta de Roberto Burle ali publicada. Ao mostrá-lo, Oliveira fornece pistas para as razões do insulto do paisagista:

Quanto à prepotência da Presidente do GT, ela hoje manifestada, naturalmente, depois das eleições, vem do fato de que consultada pela Sursan, no começo deste ano, opinei em ofício que procurassem outras firmas para fornecer grama ao Parque, já que a firma Roberto Burle Marx Ltda. propunha preços astronômicos por m². Essa “prepotência” deu ao Estado uma economia de mais e cem milhões de cruzeiros, o que naturalmente mudou a opinião que tinha o Sr. Roberto Burle Marx do meu temperamento, antes tão apreciado¹⁴.

Algo semelhante também ocorre em sua relação com o arquiteto Sérgio Bernardes: Agora, o que me levou às alturas é o que ele [Sergio Bernardes] cobrou pelo projeto. Sabe quanto? A bagatela de quatorze milhões de cruzeiros ¹⁵.

Portanto, interesses econômicos, sociais e políticos de indivíduos e grupos com trânsito na administração pública e notoriedade no cenário cultural brasileiro eram contrariados pelo modelo de gestão de Lota de Macedo Soares. Eles tinham acesso não apenas às instâncias que encomendavam projetos, mas também àquelas que liberavam recursos para sua execução. Nas disputas com Lota de Macedo Soares, são eles os vencedores.

Ela pertencia à geração da primeira década do século. Nasceu em 1910. Por parte de mãe, Adélia Costellat, vinha de uma família de grandes proprietários rurais fluminenses. Seu pai, José Eduardo de Macedo Soares, fazia parte de família de políticos, diplomatas, advogados e juizes paulistas. Sua rede de contatos e suas disposições sociais o habilitavam a gravitar nos centros de poder local e nacional. Contudo, após o Estado Novo, o contexto brasileiro é outro. Getúlio Vargas

¹² - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.175.

¹³ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.97.

¹⁴ Ver OLIVEIRA, C.L. Op. Cit. 1995, p.155.

¹⁵ Ver OLIVEIRA, C.L. Op. Cit. 1995, p.105.



realizou reformas institucionais de envergadura que permitiram o surgimento de uma outra elite política e econômica. Lota de Macedo Soares herdou as terras maternas e o capital social e simbólico paternos. Mas, em 1960, o país no qual se constituía era outro.

Nesse novo ambiente institucional, destaca-se o lugar dos engenheiros nas dificuldades vividas por Lota de Macedo Soares. Em 1930, houve a regulamentação desse ofício e, com isso, a legitimação de seu discurso. A partir daí, passam a impor uma voz ativa na vida política brasileira, quebrando o predomínio dos médicos e dos bacharéis em direito. Em 1960, sua presença está tão consolidada que engenheiras participaram de importantes obras na cidade do Rio de Janeiro, como por exemplo, Carmem Portinho e Bertha Leitchic. Essa última executou os cálculos de vários túneis da cidade. Entretanto, ambas eram casadas e com filhos. Lota de Macedo Soares não tinha marido, nem filhos, nem diploma universitário. Apesar de discreta, sabia-se de suas preferências afetivas. Assim, *instinto maternal* e realização conjugal, marcas definidoras de uma noção de feminilidade, estavam nela ausentes. Em conseqüência disso, ela não atendia à normativa disciplinadora do modelo burguês de nação.

Pistas e subterrâneos

Lota de Macedo Soares sofreu um processo de destituição de sua autoridade em um campo de atuação pública e profissional, no qual suas idéias e modos de operacionalizá-las editavam outros procedimentos. Tal processo foi executado por importantes figuras do campo da arquitetura, da engenharia, do jornalismo e da política brasileiras da época. Sua eficácia atesta-se pela ausência na memória nacional da presença autoral de Lota de Macedo Soares em uma das mais importantes obras de intervenção urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Pensar esse fato é pensar uma memória coletiva. Isso implica em perceber a existência de acontecimentos ecoando nos interesses de um grupo dominante e gerando duas possibilidades: se positivos, realizam-se operações de estabilidade e durabilidade; se negativos, operacionaliza-se o silêncio. Essas ações são todas levadas a cabo por atores sociais que quando exaltam, produzem uma memória coletiva, nacional, oficial. Quando agem no sentido contrário, geram memórias de minorias, de excluídos, de marginalizados. Nesse sentido, criam-se memórias subterrâneas¹⁶. A primeira age para ser referência na construção do entendimento da vida social. Faz isso de modo homogeneizante e, portanto, opressivo e destruidor. As memórias subterrâneas, por sua vez, escapando à vigilância, operam sobre esse silêncio e, apostando que mesmo as coisas contínuas são precípeis,

¹⁶ - POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V. 2, nº3, 1989, p.2



aguardam o instante para emergirem. Esse momento pode ser uma morte quando temores de possíveis conflitos deixam de existir, o encontro de corajosos testemunhos revelando o impronunciável, ou instantes de um sobressalto brusco e exacerbado ¹⁷.

O Parque do Flamengo é um patrimônio arquitetônico e faz parte de uma memória coletiva, nacional, oficial. Por isso que, em insuspeito e imprevisível movimento, memórias subterrâneas estão em ação. São elas que tomam de assalto quem caminha a pé ou de carro pelo Parque do Flamengo, como ocorreu ao Sr. Arnaldo de Oliveira. Sua fala oferece pistas para o entendimento das razões pelas quais Lota de Macedo Soares foi alijada da memória nacional. O testemunho desse senhor mostra como o indizível e o inexistente são produzidos através do controle sobre uma das coordenadas de inteligibilidade humana: a imaginação. Ao receber a nova informação de um jornalista do O Globo, o Sr. Arnaldo suspende evidências que o dominavam. Disso resulta o sobressalto de sua perplexidade: nunca imaginou que aquilo tivesse sido feito por uma mulher¹⁸. Seu espanto é o de ter de se haver com um automatismo cultural no qual ser inteligente, ter voz na administração pública e executar arrojadas obras de intervenção urbana são atributos incompatíveis com o gênero feminino.

A fala do Sr. Arnaldo permite enxergar a imaginação como o lugar propício para a produção da ausência e da tomada de consciência; da alienação e da consciência de si; da reificação e da desnaturalização. Ela parece ser o lócus frágil da memória. Ao imaginar, é possível conceber uma alternativa ao estabelecido, ao durável e ao contínuo. Desse modo, haver-se com a imaginação é haver-se com um automatismo e, desse modo, ter a chance de poder sair de uma submissão.

No depoimento do Sr. Arnaldo de Oliveira, manifesta-se a vida coletiva brasileira na qual uma definição de feminino está fortemente arraigada. Por meio dela, constroem-se e contam-se histórias sobre as mulheres que fizeram ou fazem parte desse país. O silêncio sobre Lota de Macedo Soares fortalece a crença de ser inexpressiva a atuação pública feminina. A inexistência dessa memória gera a ausência do contraditório. Impede a referência que contesta, desfaz e põe dúvida sobre uma definição consagrada às mulheres brasileiras.

Bibliografia

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
GOMES, Ângela de Castro. *Engenheiros e Economistas: novas elites burocráticas*. 1º Edição, Rio de Janeiro: FGV, 1994.

¹⁷ - Ver POLLAK, M. Op. Cit. 1989, p.4

¹⁸ - Ver OLIVEIRA, C. L. Op. Cit. 1995, p.209.



NOGUEIRA, Nadia. *Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 50 e 60*. 2005. Tese de doutorado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp, Campinas.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V. 2, nº 3, 1989, páginas 3 a 15.